

## A Caçula das Galerias

MARC BERKOWITZ

Continua intenso o movimento plástico no Rio de Janeiro. Nem a canfúcula prematura consegue «esfriar» o entusiasmo dos expositores — um bom sinal. A caçula das galerias cariocas, a «Piccola Galeria» do Instituto de Cultura Italiano, inaugurou uma exposição do pintor italiano LEONELLO BERTI, que veio radicar-se no Brasil. Já tive várias oportunidades de dizer que se trata de um artista sério, de grande talento, e com todos os conhecimentos técnicos para fazer bom uso dela. Seus trabalhos, figurativos, de um expressionismo por vezes mordaz, por vezes lírico, mas sempre muito humano, dão amplas provas de suas qualidades. Excelentes são os retratos de LEONELLO BERTI, nos quais ele não procura a semelhança objetiva e superficial, mas a semelhança subjetiva, o verdadeiro «eu» do modelo. Com BERTI o Brasil fez uma boa aquisição, um reforço para as fileiras dos bons pintores.

A próxima exposição da «PICCOLA GALERIA», que deverá ser inaugurada no dia 1º de dezembro, é do jovem gravador brasileiro JOSÉ LIMA, na minha opinião, e na de muitos outros, a revelação do último Salão Nacional de Arte Moderna.

## ROSAI E DE PISIS

A Galeria BARCINSKI abriu uma exposição dos dois famosos pintores italianos ROSAI e DE PISIS, ambos falecidos recentemente. De PISIS, o mais conhecido dos dois, tem muitos admiradores e colecionadores no Brasil. Suas impressões, ao mesmo tempo leves e densas, e tão pessoais, sempre fizeram sucesso. ROSAI, um artista mais limitado e mais regional, sobressai sobretudo na lírica beleza de suas paisagens toscanas. É sempre interessante entrar em contato com dois mestres — ainda que menores — da pintura contemporânea.

## MARCELO GRASSMANN

A GEA, galeria que se impõe cada vez mais, inaugurou a mostra mais significativa do mês, e certamente uma das melhores do ano: os desenhos de MARCELO GRASSMANN, mais conhecido entre nós como gravador. GRASSMANN, que já obteve o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro e da Bienal de São Paulo, é um artista de personalidade inconfundível. Descendente de Bosch e de Goya, ele sempre consegue nos levar para o mundo estranho e por vezes terrível de sua imaginação, um mundo sempre habitado por criaturas semi-humanas e semi-animais.

A sua exposição na GEA mostra um outro aspecto do seu talento. Os desenhos continuam apresentando criaturas fantásticas, mas são criaturas mais humanas, mais bem humoradas capazes até de demonstrar amor paterno e uma espécie de humor. O desenho «per se» é de uma qualidade belíssima, seguro, incisivo. A exposição de MARCELO GRASSMANN é uma exposição que faz pensar, e que merece ser visitada várias vezes.

## ERNANI VASCONCELLOS

O atual Presidente da Arco, e um arquiteto conhecido, acaba de realizar uma exposição na galeria improvisada do Club Ginástico Português. Há vários anos que sigo a carreira plástica de VASCONCELLOS, sempre com interesse, porque se trata de uma vocação que desperta interesse, uma vocação que pouco a pouco vem conquistando para si uma linguagem própria de expressão. Apesar de serem todos trabalhos relativamente recentes, as telas expostas por VASCONCELLOS mostram claramente diversas fases, todas elas abstratas. Todas essas fases, menos a mais recente, representam pesquisas de ordem técnica, procuras de texturas novas, e tam-



Desenho de Berti

bém certas influências. Mas nos dois ou três últimos trabalhos já se encontra uma nota bem mais pessoal, como também uma maior espontaneidade baseada num domínio maior do lado técnico. Lembro-me sobretudo de dois trabalhos, um de cores e de desenho delicados, com uma nota mais vibrante ocasional, outro de cores mais pronunciadas e fortes, ambos esplendidamente realizados.

## NEMÉSIO ANTUNEZ

O MAM, ao lado de uma exposição de uma senhora que pinta, desenha, faz fotogramas e é criadora de modas, de nome de FRIDEL LOOS — e que em nenhum desses campos parece ter realizado coisas memoráveis — inaugurou também uma mostra do pintor chileno NEMÉSIO ANTUNEZ. Já conhecia alguns de seus trabalhos de algumas Bienais de São Paulo, e agora tive a ocasião de ver um conjunto maior de suas obras. ANTUNEZ é um dos componentes principais daquele grupo de pintores chilenos do qual também fazem parte MATA, talvez o mais conhecido, e ZANARTU. Apesar das características individuais de cada um — trata-se de três artistas maduros — são óbvias também as raízes comuns que eles partilham, sendo que a mais forte provavelmente é um surrealismo algo indefinido e abstrato, e uma tendência a uma certa literarice na concepção dos trabalhos. ANTUNEZ, em seus últimos trabalhos, está felizmente abandonando este surrealismo algo literário, com o resultado de produzir trabalhos que de literatura apenas tem os títulos. A sua pintura cria uma atmosfera própria através de elementos puramente plásticos, de um refinamento cada vez maior na cor, nas formas veladas mas assim mesmo bem definidas. Com poucas cores e poucos elementos, ANTUNEZ consegue chegar ao essencial. É essa sua pintura sóbria e despojada que me agrada, ao todo uns poucos trabalhos de uma exposição que apresenta aproxi-

(Continua na página 58)

(Continuação da página 56)

madamente sessenta. Mas essa exposição tem para mim o valor de mostrar a evolução de um artista sério e trabalhador, a procura de sua própria linguagem plástica. Tenho a impressão de que ANTUNEZ a encontrou. O pintor chileno apresenta também algumas gravuras muito bem realizadas, várias litografias de grande qualidade, e um bichinho de grande efeito decorativo.

### LOIO PERSIO

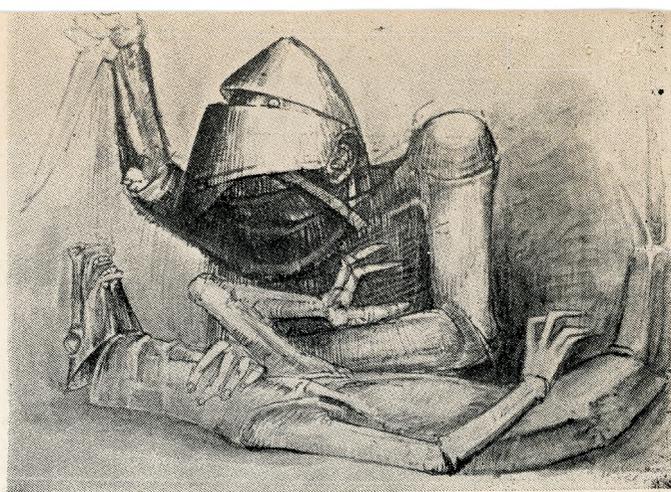
Espero que se tenha dado o valor que merece à exposição de LOIO PERSIO, a primeira exposição individual do pintor paranaense no Rio, apresentada na Biblioteca Nacional. Há mais de oito anos que conheci PERSIO em Curitiba, então um jovem artista que fazia desenhos figurativos de traço firme e sensível. De lá para cá, o pintor aderiu ao abstracionismo, mas de maneira inteligente, gradual, obviamente como resultado de uma necessidade interior. Essa mostra de PERSIO contém várias tentativas, algumas bem sucedidas, outras não. Mas basta as «gouaches» que ele apresenta, de grande sutileza de cor e de composição, para colocá-lo imediatamente entre nossos melhores artistas.

Bonitos também os tecidos para decoração, desenhados por PERSIO, e executados por PAULO BECKER. Esta exposição na realidade serviu como uma espécie de amostra de um talento que é grande e multiforme.

Agora esperemos que venha outra maior, com maior unidade, para colocá-lo definitivamente no lugar que LOIO PERSIO merece ocupar.

### PINTORES ARGENTINOS

Sob o patrocínio da ARCO, a Escolinha de Arte inaugurou uma exposição de nove pintores argentinos, exposição essa organizada e trazida pela Sra. Marta A. de Estrim. Os artistas representados são DEL PRETE, TORRES AGUERO, FORTE VICENTE, ORLANDO PIERRI, YENTE, CLORINDO TESTA, VICTOR CHAB, MARTA PELUFFO e YADWIGA. Essa exposição interessante é apenas uma pequena amostra do movimento plástico grande e intenso na Argentina. Durante uma estadia em Buenos Aires, no ano passado,



Desenho de Grassmann

tive a ocasião de conhecer os trabalhos da maioria dos artistas que estão expondo aqui, e já naquela ocasião os que mais me impressionaram por sua seriedade foram os de CLORINDO TESTA. Veja a minha opinião confirmada, porque acho que o desenho enviado por TESTA é o melhor trabalho dessa mostra. Simples, dramático e intenso desprovido de efeitos facéis, e apenas em preto e branco, o desenho sobressai por sua grande qualidade. As telas de YADWIGA tem um encanto muito pessoal, lembrando certos bordados de sua terra natal, que é a Polônia. TORRES AGUERO, de quem conheço muitos trabalhos, como sempre é de grande efeito, mas o efeito por vezes é um pouco fácil. MARTA PELUFFO está fazendo experiências «tachistas», interessantes e válidas, dando provas de um talento forte e pessoal, mas ainda algo inseguras na realização. Não fiquei encantado pelo tachismo de DEL PRETE, tècnicamente bom, mas sem grande força dramática. Foram êsses os artistas argentinos que mais me interessaram nessa exposição, a qual, espero eu, será mais um passo para um intercâmbio artístico proveitoso para os dois países.

dígitos, há um cavalo bonito, há bichos e plantas e rios e coisas — até assombração! —, para fazer a delícia de gente pequena e grande.

Falhas poderiam ser apontadas — como certos erros na iluminação de Rudolf Icsey, como algumas falas supérfluas (particularmente na chegada da família à cidadezinha do interior), como a colocação desajeitada da canção «Bem Querer» —, mas as qualidades, em número muito maior, praticamente as anulam. Alberto Ruschel nunca esteve tão sóbrio e convincente; Lucy Reis não chega a comprometer no papel da mãe, feito para Glauce Rocha; e só Milton Ribeiro vence o diretor com seus arreganhos.

Galileu Garcia compôs a adaptação com Nelly Dutra, trabalhando sozinho no roteiro. Como diretor e roteirista, realizou uma narrativa poética, de volta à terra, com carinho e caricatura, risos e ritmo, **suspense** e sensações.

Outro ex-assistente, Roberto Santos, saiu-se ainda mais airoso de seu filme de estréia como diretor: **O Grande Momento**. Enquanto Nelson Pereira dos Santos, em **Rio, Zona Norte**, mostrou haver decorado mas não assimilado as lições do néo-realismo zavattiniano, este outro Santos, com espantosa segurança dá uma demonstração prática de aculturação brasileira dos preceitos néo-realistas. Não se vêem em **O Grande Momento** os tropeções de outras tentativas de crônica realística urbana, como aquelas de Nelson Pereira dos Santos ou **Agulha no Palheiro**, de Alex Viány: Roberto Santos limpa o caminho de detritos e vai em frente.

Rapaz simples, nem parece ter notado que, ao optar pela simplicidade, estava escolhendo o mais difícil em cinema. De qualquer maneira, por temperamento, convicção e inteligência, acertou de saída com o nível e o grau em que melhor se sentirá hoje ou no futuro.

Não é Zavattini a única influência pressentida no filme. Na seqüência do casamento, por exemplo, não é impossível nem exagerado adivinhar a presença de René Clair, aquele Clair popularesco das crônicas parisienses; e não há motivo para reclamação se o funambulesco Mack Sennett entra em cena para acabar com a festa.

O mais equilibrado filme de estréia que conheço, em toda a minha experiência de cinema brasileiro, **O Grande Momento** capta admiravelmente — **brasileiramente** — o ambiente humano no crisol do Brás, em São Paulo. Com a exceção de Jaime Barcelos (às vezes, um tanto teatral) e Miriam Pércia (que parece insensível ao néo-realismo), os tipos são ótimos e convincentes. Gianfrancesco Guarnieri, anti-galã, a princípio choca o espectador com sua figura magra e pequena; depois de algumas seqüências, porém, já tem toda a platéia em sua torcida. O ator que faz seu sógro é exato como tipo e como interpretação; o ator que faz o fotógrafo Turbívio Ruiz compõe uma das raríssimas vinhetas cômico-humanas em nosso cineminha ainda tão pobre. De fato, até a bicicleta do herói tem vida, interpretando, juntamente com Guarnieri e as ruas do Brás, uma das mais bonitas seqüências do filme.

Em conjunto, **Rebelião em Vila Rica**, **Cara de Fogo** e **O Grande Momento**, aparecendo quase ao mesmo tempo, representam o fato mais auspicioso ocorrido nos últimos anos nos arais do cinema brasileiro. Se outros valores não tivesse produzido o surto industrial da Vera Cruz & Cia., alguns anos atrás, já valera pelo treinamento proporcionado aos irmãos Santos Pereira, Galileu Garcia e Roberto Santos. Os três filmes rovam sobejamente que as lições foram aprendidas — e acrescentam quatro nomes respeitáveis à galeria ainda minúscula de cineastas responsáveis do Brasil.